

Bantos

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO III | S. PAULO - 1.º de Fevereiro de 1927 | N.º 26

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR".

QUESTÕES GERAES: 1 — A educação segundo Lhotzky. 2 — Cursos profissionaes. 3 — Bases scientificas da educação escolar.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Geologia. 3 — Geometria. 4 — Botanica. 5 — Historia do Brasil. 6 — Hygiene.

EDUCAÇÃO PHYSICA: — JÓGOS ESCOLARES: 1 — Mãos atraz. 2 — Bola atraz. 3 — João e José. 4 — Pegador cantando. 5 — Seguindo a seta. 6 — Amendoins. 7 — Quadrados.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — A piaçabeira. 2 — Acção da agua dos rios. 3 — Fógos fatuos. 4 — Movimento. 5 — A baleia.

RESENHA PEDAGOGICA: 1 — Centenario de Pestalozzi. 2 — Os codigos de moralidade no ensino primario. 3 — Mensagem da Associação de Professores do Chile.

LITERATURA INFANTIL: 1 — A vaidade. 2 — A fada boa. 3 — Para os bons. 4 — Paizagem. 5 — O macaco e o elephante. 6 — A lingua. 7 — Os mandamentos dum sabio. 8 — A rã e o boi. 9 — O burro juiz. 10 — O vaqueiro. 11 — Conceito infantil.

ESCOTISMO.

MUSICAS E CANTICOS ESCOLARES: 1 — O vagalume.

VULTOS E FACTOS: 1 — Antonio Gonçalves Dias.

NOS ARRAIAES DO ENSINO: 1 — A calligraphia.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — O macaco e a onça. 2 — Sitio de caboclo. 3 — A moeda encantada.

SECRETARIA DO INTERIOR: Varios despachos.

S. PAULO - Brasil

1927

Bantos
E a

179

A maior parte das noções nos vêm do mundo exterior pelos sentidos, pela simples percepção.

A immobilitade forçada e o regimen de constrangimento devem sêr banidos da escola para ahi se implantarem os methodos activos, dando mais livre curso á personalidade da criança, habituando-a a viver numa atmosphera de mais liberdade, formando o character ao mesmo tempo que a intelligencia e o corpo.

A educação reclama o ar livre, a liberdade e um ensino que se dirija mais á habilidade manual e á razão do que á memoria, afim de formar homens de character para uma vida de iniciativa, isto é, homens sãos de corpo, espirito e vontade, capazes duma actividade fecunda em todos os dominios: scientifico, artistico e economico.

O homem vivendo e trabalhando em sociedade, precisa tambem sua acção social para o agrupamento unido e disciplinado da sociedade, da humanidade, regida pelo direito e pela justiça.

ISIDORE POIRY.

(*A Refórma da Educação.*)

Educar é ensinar as crianças a nos dispensar.



LIÇÕES PRATICAS

ARITHMETICA

CALCULO MENTAL

A Arithmetica é uma das disciplinas em que os jógos ou brinquedos muito contribuem para despertar o interesse e avivar a attenção das crianças das classes atrazadas.

Quando um alumno deixa escapar sua vez de responder, é notavel a ansiedade e o movimento manifestados pelos seus companheiros. Barulho e confusão desta natureza não prejudicam a base da disciplina escolar.

A professora, pois, que introduzir em sua classe esse processo de ensino, sentir-se-á duplamente recompensada ao observar a promptidão e segurança das respostas."

(*Emcima de cada carteira, uma folha de blóco, em branco.*)

Professora. — Hoje sou eu que vou escrever nos seus papeis.

Alumno. — Ah! Já sei... é aquelle brinquedo de outro dia!...

P. — Quasi. Hoje são vocês que vão fazer as perguntas uns aos outros.

A. — Ih! Que bom! Eu gosto de perguntar coisas bem difficeis!

P. — Mas, cuidado! E' preciso que você tambem saiba responder ás suas perguntas difficeis. (*A professora percorre a sala escrevendo um numero, com lapis de côr, em cada folha de papel.*)

P. — Já aprendemos até que numero?

A. — Até 60.

P. — Venha á frente, Paulo, e traga o seu papel.

A. — Para que todos possam vêr bem o meu numero?

P. — Sim. Você é que responderá ás perguntas dos collegas. Quando errar, será substituído por aquelle a cuja pergunta você não soube responder certo.

A. — Podemos fazer qualquer pergunta?

P. — Podem, mas lembrem-se que só estudámos até 60. Não façam perguntas tolas, nem outras a que vocês não possam responder.

A. — Sim, senhora, faremos por nos lembrar das regras do jogo.

P. — Qual é o seu numero, Paulo?

A. — Meu numero é 35.

P. — Eu vou fazer a primeira pergunta. Meu numero é 27. Quantas unidades o seu numero tem mais do que o meu?

1.º A. — O meu numero tem 8 unidades mais que o seu.

P. — Continuem suas perguntas, mas com muita ordem.

2.º A. — Meu numero é 18; sommado ao seu, quanto dá, Paulo?

2.º A. — Dá 53.

3.º A. — Meu numero é 7. Quantas vezes mais é o seu numero, Paulo?

1.º A. — Meu numero é 5 vezes mais que o seu.

4.º A. — Meu numero é *um setimo* do seu; qual é o meu numero, Paulo?

1.º A. — O seu numero é 6.

4.º A. — Errado. Meu numero é 5. *Um setimo* de 35 é 5.

P. — Muito bem, Carlos. Troque de logar com Paulo. Continuem.

5.º A. — Si o meu numero e o seu numero representassem réis, sommados dariam um vintem. Qual é o meu numero, Carlos?

4.º A. — (?)

5.º A. — Elle não sabe. Posso dizer, professora?

P. — Diga, Jorge, mas explique, para que Carlos aprenda.

5.º A. — O seu numero é 5. Um vintem são 20 réis. Para com 5 formar 20, faltam 15, que é o meu numero.

P. — Agora, Jorge é quem responde.

(Os problemas podem sêr formados com tres ou mais numeros, e poderão occupar bons minutos, sendo excellente para recordação.)

Deverão sêr interrompidos logo que se tornarem monotonos, ou quando os alumnos tentarem fazer perguntas de algibeira.)

ZOOLOGIA

RUMINANTES

“A criança precisa sêr o mais activo collaborador na sua propria instrucção.”

Professor. — Que tem você na boca, Renato?

Alumno. — Um pedacinho de borracha.

P. — Tire-o da boca. E' um costume muito feio esse de andar mascando. Só os bois, as cabras, os carneiros etc., é que fazem isso.

A. — E' mesmo. As vaccas estão sempre mascando.

A. — Na fazenda, eu reparei que as vaccas, depois de pastarem, deitavam-se e punham-se a mascar.

A. — E ficam, ás vezes, mascando por muito tempo.

A. — Mastigam tão bem a comida, que devem ter boa digestão.

A. — A's vezes, até parece que se esquecem de engulir o que mastigaram.

P. — Não só as vaccas, como diversos outros animaes fazem isso, que se chama *ruminar*.

A. — A cabra e os cabritos ruminam.

A. — O carneiro tambem rumina.

A. — E o veado.

P. — O camelo e a girafa, a lhama e o rangifer, e muitos outros animaes ruminam. Todos esses animaes são — *ruminantes*.

A. — Porque é que os ruminantes mastigam tanto a comida?

P. — Si repararmos num desses animaes, depois que pastou e se deitou, veremos um volumezinho vir subindo pela garganta e ir ter á boca.

A. — E' a comida que volta?

P. — Justamente. Quando o animal engole a primeira vez, vae o capim, ou o milho, ao primeiro estomago.

A. — Então, elles têm mais de um estomago?

P. — Têm quatro. Vejam aqui esta gravura mostrando esses estomagos.

A. — Imaginem o coitado do boi, quando tiver dôr nos quatro estomagos, como deve padecer!

A. — O ruminante engole ás pressas e o alimento vae ao primeiro estomago, não é?

P. — Exactamente: no primeiro estomago, chamado *pansa*, o alimento fica por algum tempo. Olhem aqui a figura; vejam a *pansa*.

A. — Depois, o alimento volta á boca?

P. — Ainda não. Vae para a segunda divisão chamada *barrete*. Este é formado duma porção de cellulas, como uma colmeia. Aqui está elle na figura.

A. — E o que acontece ahi?

P. — O *barrete* encarrega-se de transformar o alimento numa porção de bolotas.

A. — Essas é que a gente vê subindo pelo pescoço do boi, não é?

P. — Essas bolotas voltam á boca, uma de cada vez, á vontade do ruminante.

A. — Agora é que elle vae mastigar direito.

P. — Então, o animal mastiga bem a comida, como devem fazer todos que quizerem gozar saude.

A. — E depois?

P. — Agora vae o alimento ao terceiro estomago, chamado *folhoso*. Aqui vem pintado o *folhoso*. Vejam.

A. — Porque se chama folhoso? Tem folhas?

P. — E' formado de muitas folhas de musculos. Estes preparam o alimento para o quarto e ultimo estomago onde o trabalho da digestão se completa.

A. — O alimento deve ficar bem digerido!

A. — Mas, como se chama, esse quarto estomago?

P. — E' o *coagulador*. E' ahi que se dá a *chymificação* do alimento.

A. — Todos esses animaes têm chifres?

P. — Quasi todos. Os chifres foram-lhes fornecidos pela natureza, para se defenderem dos seus inimigos — os carnivoros.

A. — Mas muitos delles não precisam mais se defender; são quasi todos animaes domesticos; vivem nos logares onde não apparecem os seus inimigos.

P. — Sim, e a ordem dos ruminantes nos dá muitos dos mais importantes e uteis animaes domesticos. Delles falaremos outra vez.

GEOMETRIA

CIRCUMFERENCIA

O verdadeiro valor do ensino não pôde sêr medido pela energia que despênde o professor em falar, mas sim pela actividade despertada nos alumnos.

Professor. — Vocês gostaram do brinquedo novo que aprenderam, hontem?

Alumno. — Gostámos, e muito; só a ródá que precisámos riscar no chão, não ficou bem feita.

P. — Vamos, então, aprender a fazer uma ródá bem feita, para que, na proxima vez, o jogo seja mais interessante. Sigamos para o recreio.

A. — Que bom!

P. — Agora, que nos achamos no recreio, em primeiro lugar, aprendam que esta *róda*, como disse Alfredo, chama-se *circunferencia*.

A. — Para que servem esse páozinho e essa cordinha?

P. — Já vão vêr. Tome você, meu curioso, este páozinho, ou melhor, esta estaca e finque-a no chão.

A. — Bem enterrada?

P. — Não muito; o bastante para que fique firme. Amarre agora a ponta da cordinha na estaca.

A. — Prompto!

P. — Agora, na outra ponta da cordinha amarre esta outra estaca.

A. — Tão bem apontadinha!

A. — Até parece lapis.

P. — Ella vai fazer, mesmo, o serviço dum lapis. Vão vêr. Estique bem o cordel e vá fazendo a estaquinha riscar o chão, ao redór da estaca que está fincada . . .

A. — Ficou uma circunferencia bem certinha.

A. — Ah! si nós soubessemos dessa moda, antes do jogo! Lidámos tanto, e a circunferencia não ficou boa! . . .

P. — Voltemos agora para a sala.

A. — Aqui não podemos fazer circunferencias com o auxilio do cordel.

P. — Mas temos um outro instrumento melhor, mais fácil de manejar. E' este: um *compasso*. Experimentem vocês, cada um por sua vez, traçar uma circunferencia no quadro-negro.

A. — Esta ponta fica firme.

P. — E a ponta onde está o giz, gira, riscando. O ponto firme, que parte occupa da circunferencia?

A. — Fica justamente no meio.

P. — Esse ponto chama-se o *centro* da circunferencia.

A. — A estaca que fincámos no chão marcava o *centro*.

P. — A que distancia fica o *centro*, relativamente a qualquer parte da circunferencia? Examinem, meçam e depois me respondam.

A. — Fica sempre numa mesma distancia.

P. — Muito bem . . . Uma circunferencia é uma recta?

A. — Não, senhor, é uma curva.

P. — Depois de feita a circunferencia, pôde-se dizer onde começou a curva?

A. — Não, senhor, a curva fica fechada.

P. — Então, circunferencia o que será?

A. — E' uma curva fechada.

P. — E os pontos dessa curva a que distancia ficam, relativamente ao *centro*?

A. — Ficam a igual distancia do *centro*.

P. — Quem pôde agora me dizer o que é uma circunferencia? Responda, Arthur.

A. — A circunferencia é uma curva, fechada, que tem todos os seus pontos a igual distancia dum ponto interior chamado *centro*.

P. — Bravos, Arthur! . . . Agora, você, Mario, dê-me o nome dalguma coisa que tenha a fórma duma circunferencia.

A. — Um arco de rodar.

P. — Outro exemplo, Adolpho.

A. — Uma róda de carroça.

P. — Outro, Luiz.

A. — Um anel.

P. — Você, Carlos.

A. — Um tostão.

P. — A parte que rodeia o tostão, a linha que o limita, é a circunferencia.

A. — O tostão não é?

P. — O tostão é o *circulo*. Circunferencia é a linha que limita o circulo . . . Aqui no quadro-negro o circulo é o pedaço do quadro, que fica dentro da circunferencia.

A. — O circulo é a parte preta, e a circunferencia é a branca, assignalada pelo giz.

P. — E' isso mesmo.

A. — O queijo é um circulo.

P. — Julio, aproveite uma dessas circunferencias que vocês traçaram, para desenhar uma róda de carroça.

A. — (Desenha.) Está prompto . . . Assim, foi facil.

P. — Que é isso que você fez no meio da rôda?

A. — E' o eixo.

P. — Que representa esse eixo em relação á circumferencia?

A. — E' o centro da circumferencia.

P. — Muito bem . . . E esses riscos que saem do eixo da rôda?

A. — São os raios da rôda.

P. — Na rôda chamam-se *raios* e na circumferencia tambem são *raios*.

A. — Na circumferencia do recreio o raio era o cordão.

P. — Que é, então, raio, numa circumferencia?

A. — E' uma linha que vae do centro até a circumferencia.

P. — Mostre-nos, Paulo, dois raios emendados.

A. — (Mostrando.) Vão dum ponto da circumferencia até outro ponto da mesma.

A. — E passam pelo centro.

P. — Dois raios em seguida, dois raios emendados, formam um *diametro*. E' a maior linha que se pôde traçar dentro duma circumferencia . . . Carlos, tome o compasso e faça uma outra circumferencia.

A. — (Fazendo.) Não pude completal-a bem.

A. — Ficou um pedacinho.

P. — Deixe-a assim mesmo. Não é uma circumferencia inteira, é?

A. — Não, senhor; é um pedaço.

P. — Qualquer pedaço, grande ou pequeno, da circumferencia, chama-se *arco*.

A. — Então, arco é qualquer porção da circumferencia?

P. — Justamente. Una as extremidades desse arco que temos no quadro-negro.

A. — (Unindo.) Ficou quasi um bodoque.

P. — Essa linha que une as extremidades dum arco, chama-se *corda*.

A. — E' justamente onde fica a corda do bodoque.

P. — Qual é a maior *corda* que se pôde traçar numa *circumferencia*? Olhe bem, José, e responda á minha pergunta.

A. — E' o *diametro*.

A. — O diametro é a corda da metade da circumferencia.

P. — Muito bem! E essa metade da circumferencia é o que se chama *semi-circumferencia* . . . Mario, levante uma perpendicular ao meio da *corda*.

A. — (Fazendo.) Assim?

P. — Justamente. Si isso fôsse o arco dum indio, o que representaria essa perpendicular que você acaba de traçar?

A. — Seria a flecha.

P. — Pois aqui na circumferencia chama-se tambem *flecha*. Que é, pois, *flecha* da *circumferencia*?

A. — E' a perpendicular traçada ao meio duma *corda*.

P. — Sim, e onde começa e acaba a flecha?

A. — Vae do *arco* á *corda*.

A. — A *flecha* duma *semi-circumferencia* é um *raio*, não é?

P. — Exactamente, Luiz . . . Si prolongarmos as pontas duma *corda*, já essa recta não é mais *corda*: chamar-se-á, *secante* . . . Qual de vocês agora é capaz de me dizer o que é *secante*?

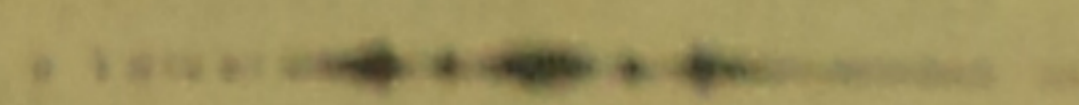
A. — *Secante* é a recta que corta a circumferencia em dois pontos.

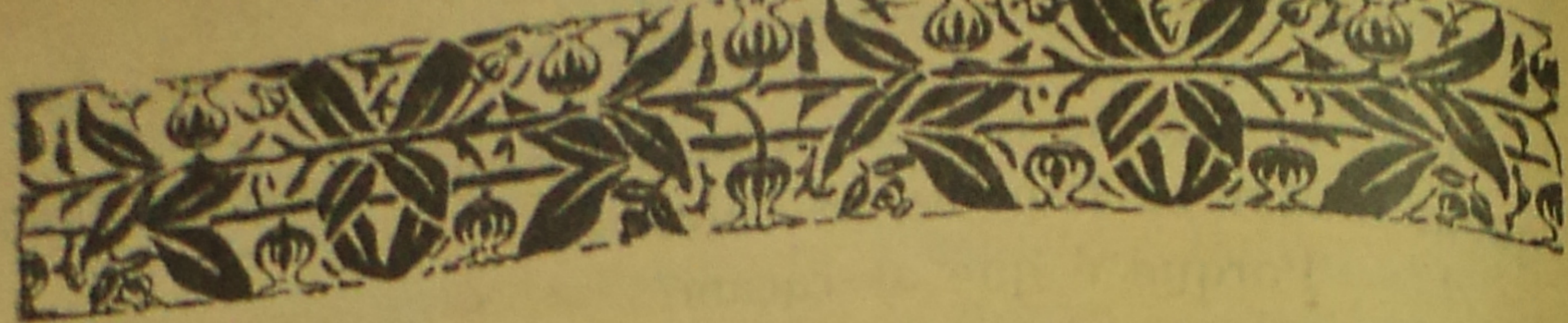
P. — Bravo, Leopoldo! Respondeu bem. Ouçam agora: Si a recta estiver fóra da circumferencia e tocar apenas um ponto della, chama-se *tangente* . . . Que é tangente, Joaquim?

A. — Tangente é a recta que passa por fóra da circumferencia, tocando-a apenas num ponto.

A. — (Fazendo uma tangente.) E' assim?

P. — Sim. Esse ponto onde a tangente toca na circumferencia, chama-se *ponto de contacto*.





RESENHA PEDAGOGICA

CENTENARIO DE PESTALOZZI

Preparam-se nos circulos intellectuaes e nos centros universitarios helveticos, grandes solennidades para commemorar, a 27 do corrente mez, a passagem do 1.º centenario da morte do celebre sociologo, historiador e pedagogo suiso, João Henrique Pestalozzi, que foi o revisor e o popularizador das theorias de Rousseau, sobre a educação.

Quando, em 1798, foi creada a Republica helvetica, uma e indivisivel, o nome de Pestalozzi surgiu como um dos esteios seguros, uma das bases sólidas do novo regimen.

As idéas de J. J. Rousseau e de seus precursores — Comenius, Descartes e Locke, iniciando uma avançada decisiva na solução dos problemas de educação popular, tiveram em Pestalozzi um adepto extremado, cujas lições e fecundas experiencias escolares em Stans, em Berthoud, em Munchenbuchsee e em Yverdon, põem em pratica as verdades pedagogicas necessarias á evolução social, dando á educação uma orientação completamente nova quanto ás idéas, processos e methodos.

Ao ensino intuitivo e ao contacto directo com a natureza ligava o grande mestre uma importancia decisiva, e sua doutrina pedagogica desenvolve-se, em seus traços geraes, dentro desses fundamentos. “O desenvolvimento da natureza humana está sujeito ao imperio de leis naturaes com as quaes deve conformar-se necessariamente toda a boa educação.

Posto que os nossos conhecimentos nascem do exercicio de nossas faculdades sobre os objectos que nos rodeiam, compreende-se que a observação cujo resultado é uma intuição das coisas, constitúe a fonte dos nossos conhecimentos. O educador

que queira accommodar-se ás leis da natureza, deverá pois começar o ensino de todas as materias por meios intuitivos e continual-as até que a intelligencia seja bastante robusta para elevar-se sem esforço ás noções abstractas que resultam da essencia mesma dos conhecimentos adquiridos pela intuição.”

Eis, em synthese a theoria de Pestalozzi.

Continuando o caminho traçado pelo mestre conspicuo, surgem então Gruner, Fröbel, o padre Girard, Herbart, Ziller e Stoy. Herbart, sobretudo, planeja e desenvolve sobre as bases do mestre suiso uma theoria de educação que tem dirigido as idéas de refórmias actuaes, consoante a justa observação de Poiry.

Embóra as dissensões e polemicas acirradas em torno das suas doutrinas de reformador, o nome de Pestalozzi se manteve triumphante e a sua influencia foi decisiva como “pedagogo social.”

Em *Der Umbekante Pestalozzi* (Zurich, Orell Füssli) — *O Pestalozzi Desconhecido*, R. Seidel nos revela, com uma precisão admiravel de analysta, a vida e a acção do grande suiso, a sua actividade marcante como membro da Sociedade Helvetica, fundada por Bodmer, e a sua participação decisiva em todas as discussões sobre assumptos de historia, de moral, de politica e principalmente de pedagogia.

Adherindo ás manifestações de character germanico, que vão sêr levadas a effeito, na Allemanha e na Suissa, a 27 do corrente mez de fevereiro, 1.º centenario da morte do grande vulto da humanidade, o ministro da Educação do governo prussiano resolveu ordenar o fechamento de todas as escolas, nesse dia.

**

OS CODIGOS DE MORALIDADE NO ENSINO PRIMARIO

Nos Estados Unidos a educação moral é, por assim dizer, a base de toda educação. O *Journal of Education*, de Boston, publicou recentemente um dos muitos codigos de moralidade usados nas escolas norte-americanas, redigido por Ur. W. J. Hutchins, director do Berca College, de Kentucky.

E' desse codigo que transcrevemos os seguintes paragrafos, dignos da mais larga diffusão:

I — A lei do auto-dominio ("self-control.") — *Os bons americanos dominam-se a si mesmos.*

1.º — Dominarei o meu caracter e não me irritarei quando as pessoas ou as coisas me desgostem, e ainda que me indigne contra o mal e a falsidade, conservarei sempre o meu auto-dominio.

2.º — Dominarei os meus pensamentos e não permittirei nunca que um desejo caprichoso destrúa um bom proposito.

4.º — Dominarei os meus actos, serei cuidadoso e reflectido e insistirei em proceder bem.

5.º — Não ridicularizarei nem offenderei o caracter de outrem, conservarei o respeito de mim mesmo e ajudarei os outros a conservarem o seu.

II — A lei da boa saude. — *Os bons americanos esforçam-se por adquirir e conservar uma boa saude.*

1.º — Procurarei ter a alimentação, o somno e o exercicio que me conservem sempre de boa saude.

2.º — Manterei sempre limpos os meus vestidos, o meu corpo e o meu espirito.

3.º — Evitarei os habitos que possam sêr-me prejudiciaes e adquirirei e não deixarei perder aquelles que possam sêr-me uteis.

4.º — Protegerei a saude dos outros e considerarei a sua segurança como sendo a minha propria.

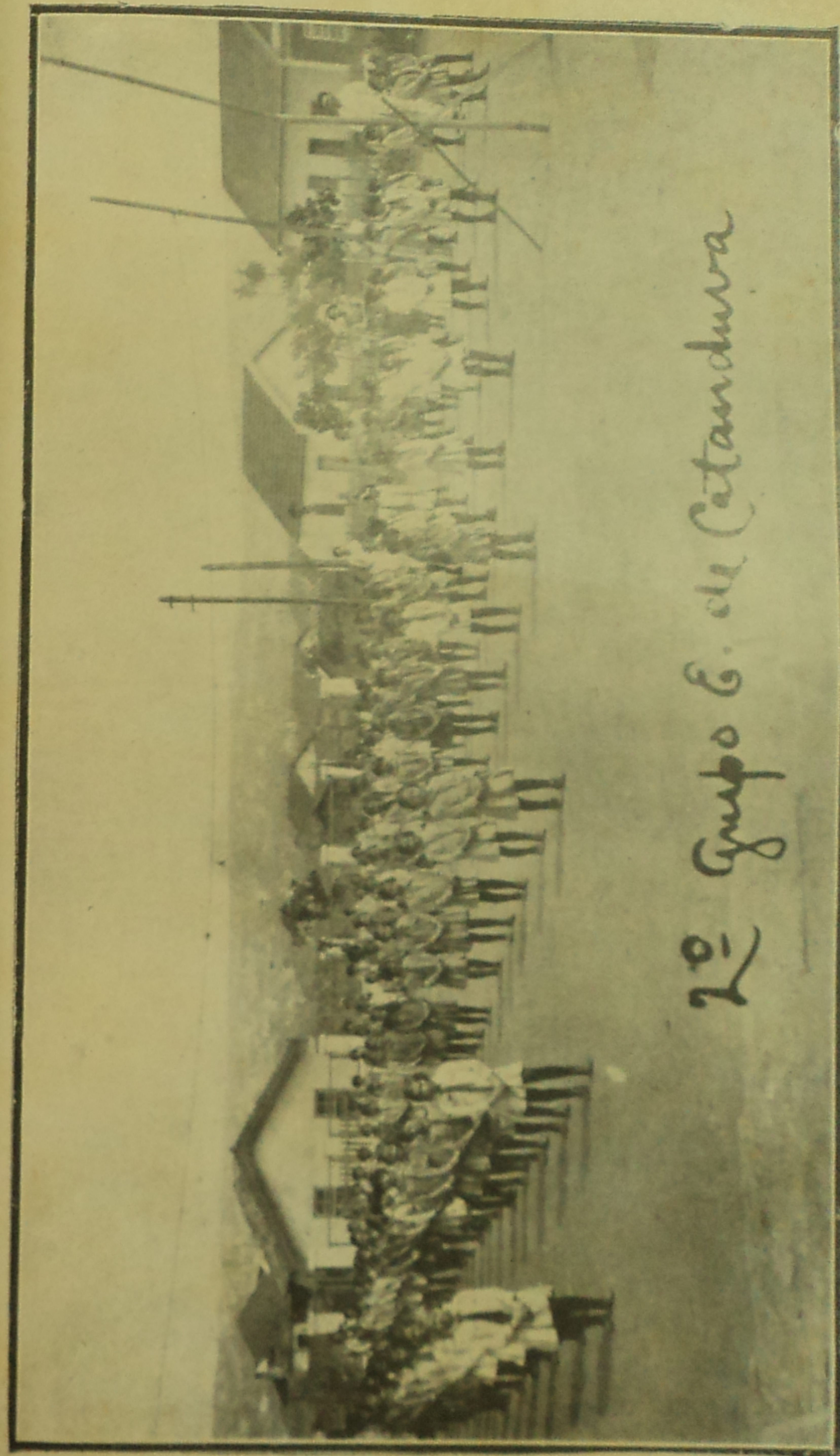
5.º — Procurarei sêr forte e agil.

III — A lei da amabilidade ou affabilidade. — *Os bons americanos são amaveis.*

1.º — Serei amavel em todós os meus pensamentos. Não me permittirei rancores nem invejas. Não desprezarei nunca quem quer que seja.

2.º — Serei amavel em todas as minhas palavras. Não serei nunca intrigante, nem falarei mal de ninguem. As palavras podem ferir ou curar.

3.º — Serei amavel em todos os meus actos. Não insistirei egoistamente em seguir o meu proprio caminho.



2.º Grupo G. de Catanduva

4.º — Serei cortez, porque as pessoas grosseiras nunca serão bons americanos. Não causarei incommodos desnecessarios aos que trabalham por mim e não esquecerei de sêr sempre agradecido.

5.º — Attenderei ás idéas dos outros. Farei o possivel por evitar o mal e auxiliarei os outros em caso de necessidade.

IV. — A lei do desportista. — *Os bons americanos jogam com lealdade.*

1.º — Não enganarei; obedecerei ás leis, mas jogarei com entusiasmo pelo prazer do proprio jogo, para ganhar pelo vigor e pela habilidade. Si eu não jogasse com lealdade, o que perdesse perderia a alegria do jogo; o que ganhasse perderia o respeito de si mesmo, e o jogo acabaria por sêr um negocio vulgar e com frequencia cruel.

2.º — Tratarei os meus adversarios com cortezia e confiarei nelles si me merecerem confiança.

3.º — Si jôgo em equipe, não jogarei pela minha gloria, mas pela de minha equipe.

4.º — Saberei perder bem e vencer generosamente.

5.º — No meu trabalho, como no meu jogo, serei um cavalleiro generoso, leal, perfeito e honrado.

Todos esses principios são observados á risca nas escolas, e cada alumno é um fiscal para o companheiro, obrigando-o assim a não desrespeitar o juramento feito.

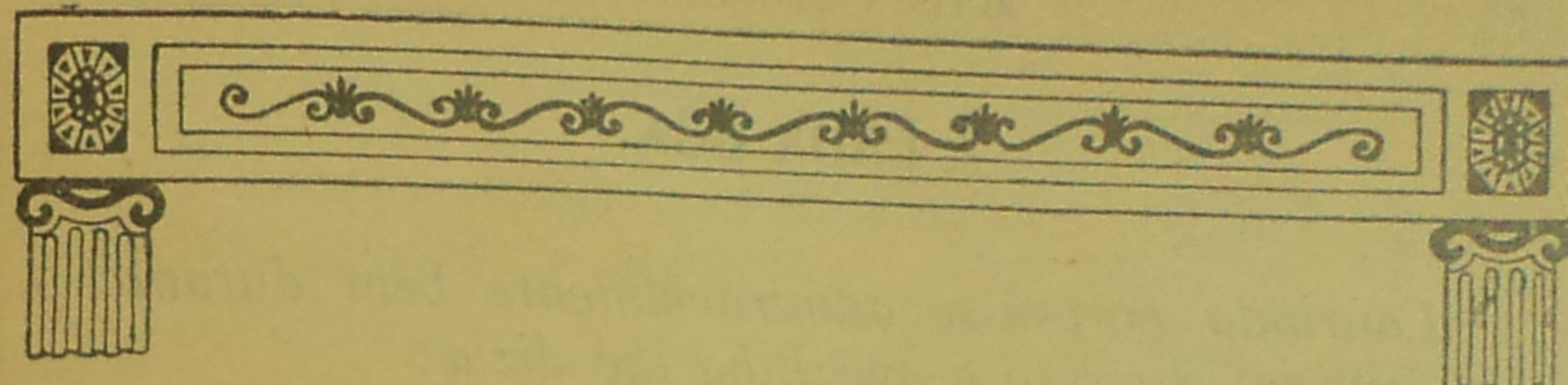


MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO GERAL DE PROFESSORES DO CHILE AOS SEUS COLLEGAS DA AMERICA

A “Associação Geral de Professores do Chile,” que desde a sua fundação se vem empenhando pela refôrma educacional segundo as doutrinas mais avançadas dos pedagogos e sociologos modernos, e pela unificação de pensamento e de acção de

todo o magisterio, desenvolvendo neste sentido uma intensa propaganda entre os professores, paes de familia e operarios, deliberou pela sua junta executiva, convidar os professores de toda a America para uma grande "Convenção latino-americana," que se deverá effectuar, em fins do anno corrente, em Santiago do Chile.

Dos propositos desse congresso falam expressivamente os termos da mensagem, cujo recebimento nestas linhas agradecemos.



LITERATURA INFANTIL

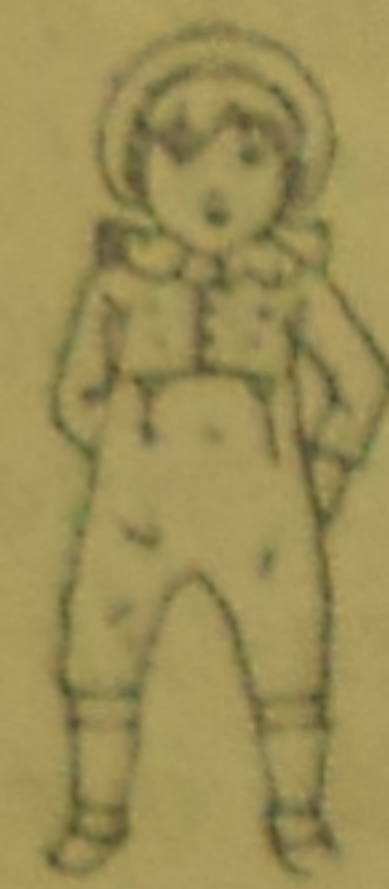
A VAIDADE

Conta-se que uma princezinha estando uma vez a brincar com outra criança filha duma sua aia, lhe contou os dedos de cada mão, e ao vêr que tinha cinco, tal qual ella, desatou a chorar amargamente.

Tinham-n-a ensinado a suppôr-se superior a todos os outros mortaes e differente delles, e a esquecer-se de que todos somos filhos de Deus, sem outra differença que não seja a dos merecimentos das nossas obras.

Um dos maiores defeitos do homem é a vaidade. Convém, portanto, que o homem, desde pequeno, se acostume a sêr humilde e a tratar os seus semelhantes como irmãos.

A's vezes, sinão quasi sempre, são os proprios paes que cultivam a vaidade dos filhos, inconscientemente e guiados pelo carinho que lhes têm. Bom será que os ensinem a se não imaginarem superiores a ninguem e assim lhes evitarão não poucos desgostos.



Mais vale sciencia intellectual
que riqueza mineral.